

INTERRUPÇÕES QUE FORMAM A PERSONALIDADE

«Durante uma visita à Universidade de Notre Dame, onde exerci funções de docente durante alguns anos, encontrei-me com um professor mais velho e experiente, que passara a maior parte da sua vida naquela escola. E, enquanto passeávamos por aquele campo tão bonito ele disse com uma certa melancolia de voz: «Sabes, queixei-me a vida inteira de que o meu trabalho era constantemente interrompido, até que descobri que as minhas interrupções eram o meu trabalho».

Não será que encaramos os incontáveis acontecimentos das nossas vidas como pequenas ou grandes interrupções que perturbam os nossos planos, projetos e esquemas? Não será que protestamos interiormente quando um estudante interrompe a nossa leitura, o nosso tempo e os nossos projetos? Não será que a morte de um amigo perturbe a nossa quietude mental? Não será que as mais diversas realidades da nossa existência, não perturbem os sonhos da nossa juventude? Não será que, a série interminável de interrupções, não produzam sentimentos de raiva, de frustração e mesmo de vingança? Não será que o envelhecer é para nós sinónimo de amargura?

E se, em vez, as interrupções fossem de facto oportunidades e desafios a darmos uma resposta criativa para o nosso crescimento completo? E se moldassem, de fato, a nossa história como o escultor molda o barro, e que, só obedecendo assiduamente a essas mãos de oleiro, podemos descobrir a nossa verdadeira vocação e tornar-nos pessoas maduras? E se não fossem outra coisa, senão convites a abandonar estilos de vida antiquados e obsoletos para novas aberturas e novos horizontes inexplorados? E por fim, se não fossem apenas como uma sequência cega e impessoal de acontecimentos que não podemos controlar, mas pelo contrário, fossem sinais que apontam para um encontro pessoal, conosco, com os outros e com Deus, onde todas as nossas esperanças e aspirações atingem a sua plenitude?

Neste caso, a nossa vida seria diferente, porque o que consideramos como destino, tornar-se-ia, de fato, uma oportunidade, as feridas um aviso e a paralisia um convite a procurar fontes de vida mais profundas. Neste caso, poderíamos encontrar a esperança nas cidades que choram, nos hospitais aflitivos, nos pais e nos filhos desesperados. Então poderíamos vencer a tentação do desânimo e, em vez disso, falarmos da esperança, da árvore que dá frutos, enquanto observamos a morte da semente. Então, sim, poderíamos quebrar a prisão da nossa história, como se fosse uma série anônimas de acontecimentos, para escutar nela atentamente a voz do Deus da história, que nos fala no centro do nosso recolhimento e responder ao Seu constante apelo, sempre renovado, com uma nova conversão.

Henry Nouwen, *Os três movimentos da vida espiritual, viagem espiritual para o homem do nosso tempo*, p. 47